



MR 010. Como fica a prática de pesquisa, escrita e ensino das antropólogas depois da maternidade?

Coordenador(es):

Rosamaria Giatti Carneiro (UnB)

Participantes:

Flávia Ferreira Pires (UFPB)

Marina Fisher Nucci (IMS/ Uerj)

Elaine Müller (UFPE)

Debatedor/a:

Rosamaria Giatti Carneiro (UnB)

Assiste-se no Brasil um movimento crescente de questionamento da prática científica de mulheres que se tornam mães: os seus limites, as desigualdades de gênero e o seu não reconhecimento científico e político. Essa onda crítica tem recebido o nome de "Parent in Science" e tem ocupado em larga medida mais as ciências duras do que as ciências humanas. Impulsionadas por tal movimentação e por nossas agendas de pesquisa, interessa-nos nessa mesa-redonda refletir sobre a prática da antropologia depois e/ou com a maternidade. Em que medida a pesquisa e a escrita da antropólogas, que se tornam mães, se transforma a partir dessa experiência pessoal? Como os filhos afetam a pesquisa de campo e a escolha temática de seus objetos de trabalho? De que modo a maternidade é tratada e pensada no interior da antropologia brasileira? O que nos contam os estudos clássicos da antropologia mundial e a história da antropologia brasileira sobre a maternidade e antropólogas? Partindo de questões como essas, pretendemos explorar o encontro da prática antropologia e da maternidade através dos prismas pessoal, epistemológico, investigativo e político.

Maternofobia: como fica a antropologia em tempos de pandemia e pandemônio?

Autoria: Elaine Müller (UFPE)

O ambiente acadêmico reproduz um sistema de opressão que tenho chamado de maternofobia, que relaciona desigualdades, preconceitos, dificuldades de acessibilidade e de ascensão social que impactam negativamente na carreira de mulheres mães. A maternofobia se expressa na deslegitimação de temas de pesquisa relacionados ao parto e maternidade, na teorização que despreza o que mães tem a dizer sobre suas experiências de maternagem, na valoração desigual de homens e mulheres que cuidam, na ausência estrutural de formas de suporte ao work acadêmico de pessoas que maternam. Para as mulheres mães acadêmicas, o período da pandemia se tornou um pandemônio e isso nos informa o quanto a maternidade opera como um marcador social da diferença, que coloca a necessidade de um olhar interseccional para ser compreendida e para pautar demandas por políticas públicas.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: